SUJEITO E HISTÓRIA: A FILOSOFIA DE SARTRE ENTRE A LIBERDADE E O DETERMINISMO

Marcelo Vinicius Miranda Barros¹ e Malcom Guimarães Rodrigues²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: marcelovmb@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: malcomgr@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Marxismo existencial; Psicanálise existencial; Liberdade.

INTRODUÇÃO

A filosofia fenomenológico-existencial do filósofo francês Jean-Paul Sartre suscita questionamentos a respeito das teses em *O Ser e o Nada* (2012) ao serem confrontadas com os pensamentos defendidos na *Crítica da Razão Dialética* (2002). O problema aqui presente, então, é uma clássica interrogação acerca da continuidade temática entre essas duas obras sartreanas.

Alguns anos após publicar a obra *O Ser e o Nada*, obra na qual o ser humano aparece sempre como liberdade em situação, o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre se dedicou também ao estudo do indivíduo como um ser inserido na sociedade, imerso na *práxis*, na qual a sua liberdade, ainda situada, é pensada dialeticamente com o desenvolvimento histórico (ABDO, 2013). A *Crítica da Razão Dialética* é a obra na qual Sartre explora a “historialização” da realidade humana, ou seja, as questões (já abertas desde *O Ser e o Nada*) relativas à dialética entre a ação livre e individual e a determinação histórica e social (LEOPOLDO E SILVA, 2015). Assim, partindo de alguns temas de *O Ser e o Nada*, como a *Facticidade do Para-si*; o *O Para-outro*; o *Ter, Fazer e Ser* e, especialmente, a *Psicanálise existencial*, tendo por metodologia a releitura desse filósofo a respeito da “Intencionalidade”, que é um conceito recriado por Husserl a partir de Brentano, para afirmar que toda consciência é consciência *de* alguma coisa, ou seja, a consciência, para Sartre, não é algo, não é uma substância, a consciência só existe na relação com o objeto / fenômeno, para se chegar ao “Marxismo-existencial” ou à Antropologia da *Crítica da Razão Dialética*, pretendemos realizar uma análise do desenvolvimento social da humanidade enquanto *práxis*, dialética e coletividade, a fim de investigar e compreender a aparente contradição entre sujeito/particular e história/universal.

Tal análise se justifica não só no contexto interno às obras de Sartre, em que a liberdade se torna um problema quando se trata de confrontá-la com a facticidade¹ (*O Ser e o Nada*) e com a história (*Crítica da Razão Dialética*), tendo como *desdobramento* o filósofo francês que se vê diante da necessidade de equacionar a *práxis* com a determinação histórica, como também nossa análise se justifica no contexto externo às obras sartreanas, no seu diálogo (frequentemente não tão amigável) com o marxismo. Entende-se aqui que esse marxismo, como o objeto da crítica de Sartre, não é necessariamente direcionado à Karl Marx, mas ainda

¹ Facticidade também é compreendido como a característica de ser um fato. É o nome que filósofos, como Heidegger e Sartre, dão àquele aspecto da existência humana que é definido pelas situações em que nos encontramos. A facticidade inclui todas aquelas minúcias fatuais acerca das quais não se tem nenhum controle. É o caso da data do nosso nascimento, os nossos pais, ou o país em que nascemos. Ou o caso de todos termos de morrer um dia. Para Heidegger e Sartre, a facticidade é muito importante, porque constitui a base necessária de todas as nossas ações. Apenas somos livres em situação. A nossa liberdade de ação, a nossa capacidade de transcender as nossas circunstâncias, sempre foi contra um contexto de facticidade. Segundo Heidegger, é só na facticidade da sociedade, em termos de uma identidade e um sistema de valores, que nós próprios escolhemos, que exercemos a “decisão” pessoal que define a nossa existência (MAUTNER, 2010).

ao neo-marxismo (SILVA, 2006), pois “nota-se que 1947 é um ano marcado pelo acirramento da crítica ao existencialismo por parte dos marxistas” (SILVA, 2006, p. 83). A crítica de Sartre ao marxismo de sua época “tem como fundamento a chamada ‘teoria do reflexo’ de Lênin, segundo a qual o conhecimento é mero reflexo da realidade objetiva [...] Esta posição, obviamente, é contrária à perspectiva de Marx, que, entre outras coisas, defendia o caráter ativo da consciência, tal como se vê em suas *Teses Sobre Feuerbach*” (VIANA, 2008, p. 152, grifo do autor). Assim, diferente do que defendem certos marxistas, para Sartre, os indivíduos não são meros efeitos das determinações gerais: estas somente os produzem na medida em que foram produzidas por eles (LEOPOLDO E SILVA, 2015). Sartre, então, problematiza o marxismo na *Crítica da Razão Dialética*, e, por isso, vamos buscar o entendimento sartreano sobre as questões sociais discutidas no marxismo.

Por outro lado, a pesquisa ainda se justifica em função da continuidade de problematizações entre o *O Ser e o Nada* e a *Crítica da Razão Dialética*. Não se pode dizer que na obra *O Ser e o Nada* há somente uma análise filosófica sobre a *subjetividade* humana e que na obra *Crítica da Razão Dialética* há somente uma análise do sujeito histórico, pois “tal separação tem muito de artificial, e a leitura pautada pelo que poderia ser entendido como uma sequência de duas diferentes ‘fases’ do pensamento de Sartre arrisca-se a deixar escapar algo fundamental: a subjetividade, como exercício de uma liberdade radical, deve ser sempre pensada historicamente, pois a existência é, por definição, histórica” (LEOPOLDO E SILVA, 2015, p. 39).

Assim, em resumo, para Sartre, cada história *subjetiva* se desenrola no plano geral da história objetiva. Não há, então, a dicotomia irreduzível entre a subjetividade e a objetividade ou entre o indivíduo e a história. Se a realidade humana é histórica também para Sartre, ela se dá por via da relação entre um sujeito, que é sempre um agente histórico, e o conjunto de condições objetivas que contextualizam a liberdade em situação: as facticidades. “Pois se é verdade que o homem está na história, também é verdade que é ele que faz a história” (LEOPOLDO E SILVA, 2015, p. 40).

Justifica-se, então, a tentativa de elaborar uma reflexão que nos seja reveladora dos mecanismos de construção da realidade social, entendida na tensão entre o sujeito e sua história, via a filosofia de Sartre. Aqui, uma das principais perguntas é: se há algum tipo de determinação da *facticidade*, na história, como equacioná-la com a liberdade? A questão se justifica porque Sartre parece questionar o determinismo, como aquele proveniente do marxismo mecanicista.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Os materiais utilizados foram prioritariamente de ordem textual: livros, artigos, textos etc. A metodologia consistiu, basicamente, em encontros com o orientador, leituras, fichamentos, análises críticas e produção de textos. Os encontros com o orientador e a participação nos grupos de estudo de pesquisa foram fundamentais, especialmente no início da pesquisa, momento no qual as primeiras leituras serão discriminadas e analisadas. Depois das primeiras leituras e fichamentos, a partir de novos encontros com o orientador, passaram à produção do primeiro relatório. Com o avanço da pesquisa, foram parte da metodologia a produção de textos para eventual publicação e a participação em eventos para apresentação dos resultados parciais e/ou finais da pesquisa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O propósito, aqui, é analisar a noção de *subjetividade* na filosofia de Jean-Paul Sartre, tendo por metodologia a releitura desse filósofo a respeito da “Intencionalidade”, que é um conceito recriado por Husserl a partir de Brentano, para afirmar que toda consciência é consciência *de*

alguma coisa. Ou seja, a consciência, para Sartre, não é algo, não é uma substância; a consciência só existe na relação com o objeto / fenômeno (SARTRE, 2012).

Por isso, a consciência faz a análise intencional e descritiva dos objetos. Todo ato mental tem seus conteúdos, caracterizados por sua direção a um objeto. Toda crença, desejo, tem necessariamente seus objetos: o acreditado, o desejado, etc (SARTRE, 2012).

Assim se justifica porque Sartre parece questionar o determinismo, como aquele proveniente do marxismo mecanicista: exemplificando, não é necessário aqui o conceito mecanicista sobre o ser humano, uma vez que se parte do pressuposto que a consciência é *intencional* (toda consciência é consciência *de* alguma coisa) (SARTRE, 2012).

Neste sentido, a *subjetividade*, pelo viés de Sartre, não é imanente ao indivíduo, mas no conceito de *Intencionalidade*, na *intersubjetividade sartreana* e na relação que o sujeito tem com *Outro*, *o olhar*, que são questões discutidas em *O Ser e o Nada*, não existindo, portanto, a separação entre o plano individual e o coletivo, entre os registros de indivíduo e sociedade, eliminando, segundo Sartre, o modelo cartesiano de dualidade: sujeito e objeto (SARTRE, 2012).

Antes de prosseguirmos com este texto é necessário fazer, aqui, uma delimitação dos conceitos o Ser-em-si (Em-si) e o Ser-para-si (Para-si), já que estes são condições fundamentais para discorrer sobre a consciência na filosofia sartreana. O Em-si existe *aí* no mundo, independente de qualquer coisa, e diz respeito às coisas tal como se apresentam para nós, como sendo fenômeno ou aparição. O Para-si é a consciência humana que ao se defrontar com o mundo torna-se um processo dinâmico (contrastando com a inércia do Em-si) e faz com que o Em-si se desvele ou se apresente como fenômeno da consciência. Assim, o Em-si, nesse sentido, seria o objeto que aparece à consciência como fenômeno. Mas, não se pode aceitar que a consciência seja abstrata, por parecer esconder uma origem ontológica no Em-si, e, reciprocamente, que o fenômeno seja igualmente abstrato, já que precisaria “aparecer” à consciência, pois, de fato, a totalidade sintética consciência-fenômeno ou Intencionalidade é que é o concreto. Dessa forma, Sartre evita a dualidade: sujeito e objeto / subjetividade e objetividade (SARTRE, 2012).

Porém, o entendimento desses dois tipos de seres (o Para-si e o Em-si) não resultou no estabelecimento de um hiato a cindir o Ser? Não, pois o Para-si e o Em-si estão reunidos em uma conexa sintética que nada mais é do que o próprio Para-si. Com efeito, o Para-si não constitui senão a pura nadificação do Em-si. Portanto, não cabe interrogar a respeito da maneira como o Para-si pode se unir ao Em-si, já que o Para-si não é, de forma alguma, uma substância autônoma. Com outras palavras, o ser-Em-si e o ser-Para-si não simbolizam uma dualidade do tipo Corpo-Alma, é uma característica inerente a existência humana. Sendo Intencionalidade, ao mesmo tempo, o sujeito sartreano é objetividade e subjetividade, não podendo ser reduzido a nenhuma destas duas dimensões (SARTRE, 2012).

Não que o Em-si não exista sem a consciência, senão estaríamos caindo no Idealismo, que Sartre tanto combateu. Isto significa que o objeto só tem sentido para a consciência. Sem essa intencionalidade não haveria possibilidade de falar sobre o objeto. Dessa forma, o fenômeno é o objeto da consciência, para que ela possa existir e vice-versa. Consciência e fenômeno existem contemporaneamente. Se a consciência existisse antes do fenômeno, estaríamos no Idealismo; já se o fenômeno existisse antes da consciência, estaríamos no Realismo (SARTRE, 2012).

Isso significa afastar dos extremos tanto do realismo quanto do idealismo – afinal, conforme o próprio escrito de Sartre, idealismo e realismo dissipam de modo semelhante o real, um porque suprime a coisa, o outro porque suprime a subjetividade. O filósofo francês, então,

procura vencer essa polaridade, partindo, dentre outros conceitos, o da intencionalidade da consciência (SARTRE, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Sartre é um filósofo polêmico, não só pelo seu conceito de liberdade que é recriminado por diversos pensadores, especialmente por certos marxistas, como também por suscitar questionamentos a respeito de suas obras; por exemplo, quando as teses de *O Ser e o Nada* são confrontadas com as posições defendidas na *Crítica da Razão Dialética*, há, então, um problema clássico que se apresenta ao se interrogar a respeito da continuidade temática em ambas as obras.

Entendemos que o humanismo, como compreendido pelo existencialismo sartreano, permaneceria constante, apesar da contradição que pode ser estabelecida entre a fenomenologia e o marxismo por parte de certos críticos. Contrariando as ditas "fases diferentes", compreendemos também que há uma continuidade temática, descrevendo em ambas as obras o fenômeno humano em seu lado individual e coletivo, ou seja, a liberdade permanece em todo sistema filosófico de Sartre sem negar a história.

Há a "dialética" sartreana ou reciprocidade do objetivo e do subjetivo, já que o sujeito existe como subjetividade objetivada, que pela subjetividade (consciência), se objetiva novamente, encontrando, por meio da subjetividade, uma nova objetivação e assim infinitamente. Salientando que esse processo *intencional* da consciência com o objeto é contemporâneo, logo a subjetividade e a objetividade também os são. Portanto, já não se supõe que haja um sujeito e um mundo preestabelecidos. Ao contrário, o mundo e o sujeito são contemporâneos (SARTRE, 2002). Essa "dialética" ou reciprocidade evita, então, para Sartre, o fundamento chamado "teoria do reflexo" de Lênin, que era ideologicamente marxista, segundo a qual o conhecimento é mero reflexo da realidade objetiva (SILVA, 2006).

O que tentamos esclarecer é que a subjetividade se constrói na relação entre o mundo já dado (a história) e a existência humana (o sujeito). Na verdade, ao se tratar de uma relação dialética entre o "externo" (história) e o "interno" (sujeito), o subjetivo é ao mesmo tempo processo e resultado, em constante construção. Não existe, então, dualidade externo e interno. Ou seja, o mundo interno não é necessariamente representação do externo, nem vice-versa, pois são planos que se transversalizam simultaneamente. Como entendido, Sartre se afasta do pensamento cartesiano: interno e externo ou subjetivo e objetivo (SARTRE, 2002).

REFERÊNCIAS

ABDO, R, N. *Sobre a Crítica da razão dialética de Sartre*. Revista Cognitio-Estudos. P. 001-011, Vol. 10, nº. 1, janeiro-junho, 2013.

LEOPOLDO E SILVA, F. *Sartre e a psicanálise: subjetividade e história*. Cienc. Cult. vol.67 n.1 São Paulo Jan./Mar. 2015.

MAUTNER, T. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Edição 70, 2010.

SARTRE, J-P. *O Ser e O Nada: Ensaio De Ontologia Fenomenológica*. 21ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____. *Crítica da Razão Dialética*. Tomo 1. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SILVA, D, L. *Existencialismo e marxismo: a filosofia de Sartre entre a liberdade e a história*. [Tese]. Programa de Pós-graduação em Filosofia. Universidade Federal de São Carlos – UFScar. São Carlos, 2006.

VIANA, N. *Sartre e o marxismo*. Filosofia Unisinos, 9(2):146-161, 2008.